

A APLICABILIDADE DA PESQUISA-AÇÃO NA EDUCAÇÃO MUSICAL

APPLICABILITY OF ACTION-RESEARCH IN MUSIC EDUCATION

César Albino - Unesp / FMCG
cesaracalbino@yahoo.com.br

Sonia Regina Albano de Lima - Unesp / FMCG
sonialbano@uol.com.br

Resumo: A pesquisa-ação é um modelo de investigação científica pouco utilizada no ensino musical, mesmo tendo uma aplicação relevante nas ciências sociais. David Tripp (2005) qualifica-a como um tipo de investigação-ação utilizada para definir qualquer processo que siga um ciclo, na qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela. Com a aprovação pelo Congresso Nacional da Lei nº 17.769, de 18 de agosto de 2008 e legislação complementar, nós entendemos que a sua utilização na educação musical seria benéfica. Essa justificativa motivou a elaboração deste artigo que contemplou as características, funções e utilidades da pesquisa-ação. Os pesquisadores consultados foram, entre outros, D. Tripp, M. Thiollent, Maria A. Franco, G. Morceau, Maria G. de Miranda. Foram mencionados dois exemplos de dissertação de mestrado que utilizaram esse modelo de pesquisa.

Palavras chave: Pesquisa-ação; Ensino musical; Características.

Abstract: Action-research is a model of scientific investigation which is not widely used in musical teaching, even considering its relevant application in the social sciences. David Tripp (2005) classifies it as a type of action-investigation which is used to define any process that follows a cycle where the practice is improved by the systematic oscillation from acting in the field of practice to investigating into it. With the approval by the Brazilian National Congress of Law 17,769, on August 18, 2008, and with the supplementary legislation, we understand that its use in the musical education would be beneficial. This justification has motivated the writing of this article, which approached the characteristics, functions and usefulness of the action-research. The consulted authors were, among others, D. Tripp, M. Thiollent, Maria A. Franco, G. Morceau, and Maria G. de Miranda. Two examples of Master's dissertations which adopted this type of research were mentioned.

Keywords: Action-research; Musical teaching; Characteristics.

A produção deste artigo teve como objetivo inicial verificar as razões pelas quais alguns professores e instituições de ensino musical voltados à pesquisa são reticentes em utilizar a pesquisa-ação como um dos métodos científicos pertinentes a área, considerando-se o fato de que sua aplicabilidade no campo da educação tem sido relevante, uma vez que traz significados importantes e diferenciados nos processos de ensino/aprendizagem; trabalha dialogicamente com a prática rotineira do ensino e a teoria; é capaz de avaliar novas metodologias e situações pedagógicas microscópicas que por vezes não são valoradas nas pesquisas tradicionais.

Essas tarefas, na atualidade, parecem-nos relevantes, levando em conta a reestruturação e revitalização pela qual passa a educação musical brasileira, em razão da aprovação pelo Congresso Brasileiro da Lei 17.769, de 18 de agosto de 2008, e legislação complementar. Partindo desse pressuposto, entendemos que um modelo de pesquisa que atue de forma a teorizar as práticas educativas rotineiras, poderia transformar gradativamente e de maneira positiva o ensino musical do país. Nesse sentido as palavras de Antonio Joaquim Severino parecem-nos muito adequadas e reforçam a importância de se introduzir essa modalidade de pesquisa na educação musical:

[...] só se aprende, só se ensina, pesquisando; só se presta serviços à comunidade, se tais serviços nascerem da pesquisa. [...] O professor precisa da prática da pesquisa para ensinar eficazmente, o aluno precisa dela para aprender eficaz e significativamente; a comunidade precisa da pesquisa para dispor de produtos do conhecimento; e a Universidade precisa da pesquisa para ser mediadora da educação (SEVERINO, 1996, p. 63).

Entendemos que um dos fatores impeditivos para que se processe essa aceitação está situado na especificidade que acerca a pesquisa-ação e no fato dela contrariar princípios que norteiam a pesquisa científica tradicional, quais sejam: a generalização, a universalização, a neutralidade e a objetividade. Na verdade, o conhecimento objetivo e neutro imposto pelas ciências naturais às ciências humanas e sociais, não é capaz de solucionar todos os problemas sócio-culturais que acometem a humanidade. As ciências humanas trabalham com realidades que exigem diferentes paradigmas de análise: a particularização, o relativismo, a subjetividade, a interpretação, a especificidade, a individualização.

A filósofa Marilena Chauí é enfática ao diferenciar esses dois universos científicos: “Ora, o humano é justamente o subjetivo, o sensível, o afetivo, o valorativo, o opinativo. Como transformá-lo em objetividade, sem destruir sua principal característica, a subjetividade?” (CHAUÍ, 2000, p. 272).

Estudos realizados por pesquisadores que utilizam a pesquisa-ação na educação e nas ciências sociais apontam algumas das características que norteiam a pesquisa-ação. A análise de parte desse material bibliográfico pareceu-nos de grande utilidade, pois permite a aplicação eficaz e segura da pesquisa-ação nas investigações na área musical.

Iniciamos a análise com o texto da pedagoga e pesquisadora Maria Amélia S. Franco. A autora entende que a pesquisa-ação deve ocorrer sempre no ambiente natural da realidade a ser pesquisada; a práxis social é ponto de partida e de chegada na construção e ressignificação do conhecimento; o processo de conhecimento é construído nas múltiplas articulações com a intersubjetividade, em uma dinâmica construtiva; a flexibilidade de procedimentos é fundamental e a metodologia deve permitir ajustes, bem como, caminhar de acordo com as sínteses provisórias que vão se estabelecendo no grupo; o pesquisador deve estar habilitado continuamente a agir, reagir, refletir, planejar, ressignificar, replanejar, de acordo com as necessidades coletivas que surgem durante o período em que a pesquisa ocorre (FRANCO, 2005, p. 491).

Para nós, são essas características que dificultam a sua adoção. Um projeto de pesquisa que adota a pesquisa-ação como modelo investigativo tem como pano de fundo a incerteza, a imprevisibilidade, o recomeço. No seu trajeto, os pesquisadores envolvidos deverão estar atentos para remodelar, reestruturar, interagir, dialogar, flexibilizar e reavaliar a prática pedagógica ou social, objeto de investigação, caso seja necessária qualquer intervenção. Isso requer um pesquisador experiente. Ela não poderá ser realizada por pesquisadores que desconheçam o funcionamento, o sentido e a utilidade do objeto que está sendo investigado. Se aplicada no ensino, não permitirá pesquisadores sem a comprovada prática docente. É importante que os pesquisadores envolvidos na pesquisa tenham conhecimento prévio da matéria que está sendo investigada, uma vez que atuarão como participantes e intervencionistas no processo.

O tempo de conclusão da pesquisa-ação também não poderá ser estipulado previamente, pois depende da análise de todas as variantes introduzidas no processo de investigação. Franco assim se expressa:

[...] há que se considerar que uma pesquisa-ação não se realiza em curto espaço de tempo. É preciso tempo para construir a intimidade e um universo cognitivo mais próximo; para barreiras e resistências serem transformadas; para apreensão de novos fatos e valores que emergem de constantes situações de exercício do novo; para reconsiderações de seus papéis profissionais e elaboração das rupturas que emergem, para o imprevisto e o recomeço (2005, p. 493).

Se pensarmos no curto espaço de tempo que os órgãos de fomento têm destinado à conclusão dos trabalhos de pesquisa musical nos programas de pós-graduação e o quanto os projetos de pesquisa e o trabalho final devem estar sujeitos a um modelo tradicional de pesquisa, podemos inferir os motivos que levam estas instituições a recusarem com alguma frequência, trabalhos dessa natureza.

A pesquisa-ação também não se processa como uma investigação realizada por um único pesquisador, ela pertence a toda a coletividade envolvida no processo, por isso exige pesquisadores que saibam dialogar e respeitar a opinião de terceiros. Nesse método de análise é importante a negociação, a interação, o diálogo e a abstenção de um poder hierárquico por parte do pesquisador em relação aos colaboradores. Este deve ter consciência da importância e do lugar que cada participante ocupa na investigação. Não bastasse, este pesquisador deve estar a serviço de um objetivo de transformação ou remodelação de uma prática pedagógica ou social que está em vigor, ou de implantação de uma nova, sem deixar de lado o rigor científico na elaboração da pesquisa. Nela está contido o pressuposto de que *pesquisa* e *ação* podem estar reunidas.

Como nos informa Franco:

[...] fica mais evidente que, para a pesquisa-ação se realizar, deve haver uma associação da pesquisa a uma estratégia ou proposta coletiva de intervenção, indicando-nos a posição de pesquisa inicialmente com ação de intervenção, que imediatamente passa a ser objeto de pesquisa. Assumimos também que pesquisa e ação podem estar reunidas num mesmo processo, reafirmando a questão da pesquisa com ação que vai aos poucos sendo também ação com pesquisa. No desenvolver da pesquisa-ação, há a ênfase na flexibilidade, nos ajustes progressivos aos acontecimentos, fortalecendo a questão da pesquisa com ação (2005, p. 496).

Não se sabe com segurança quem criou a pesquisa-ação. Kurt Lewin parece ter sido o primeiro a publicar um trabalho em 1946, utilizando esse termo, no entanto, há indícios que o método tenha sido empregado no ano de 1913, em uma pesquisa realizada em Viena. John Collier, mesmo desconhecendo o termo, utilizou esse método em um trabalho que teve o intuito de melhorar as relações inter-raciais, em nível comunitário, quando foi comissário para assuntos Indianos, antes e durante a Segunda

Guerra Mundial. Há outros indícios de utilização do processo em circunstâncias variadas, contudo, é pouco provável que venhamos saber precisamente quando e onde a pesquisa-ação teve origem, pois o homem sempre teve interesse em investigar sua prática com a finalidade de melhorá-la (TRIPP, 2005).

David Tripp considera a pesquisa-ação um dos tipos de investigação-ação, termo genérico utilizado para definir qualquer processo que siga um ciclo na qual se aprimora a prática pela oscilação sistemática entre agir no campo da prática e investigar a respeito dela: “Planeja-se, implementa-se, descreve-se e avalia-se uma mudança para a melhora de sua prática, aprendendo mais, no correr do processo, tanto a respeito da prática quanto da própria investigação” (TRIPP, 2005, p. 446).

O diagrama idealizado por esse autor (2005, p. 446) indica as fases do ciclo básico da investigação-ação: identificação do problema, planejamento da solução, implementação, monitoramento e avaliação de sua eficácia.

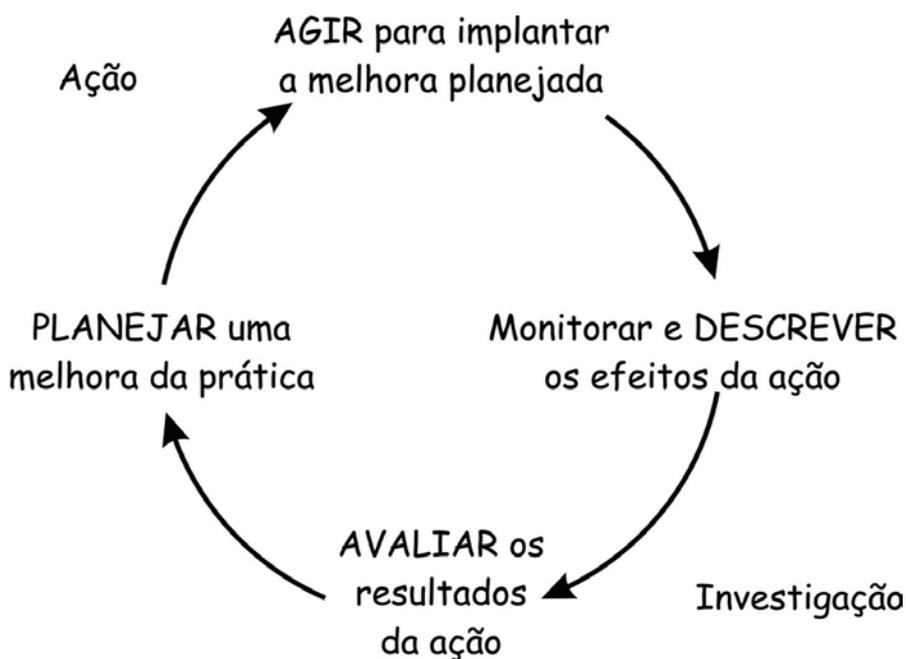


Gráfico 1: Representação do ciclo básico da investigação-ação em 4 fases.

O ciclo não exclui o fato de que diferentes tipos de investigação-ação possam utilizar processos diferenciados em cada uma das etapas mencionadas e obtenham resultados diferentes que, provavelmente, serão relatados de modo diferente para públicos diferentes. O processo utilizado e como ele será empregado dependem dos objetivos, circunstâncias e pessoal aos quais forem aplicados.

Tudo afeta o processo e o resultado da investigação-ação. O mais importante é saber que o tipo de investigação-ação utilizado deve se adequar aos objetivos, prática, participantes e situações a que está exposta (Tripp, 2005, p. 446).

Tripp define a pesquisa-ação como uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que será tomada para melhorar uma prática. Para que ela tenha validade científica é importante que as técnicas utilizadas atendam aos critérios comuns aplicados em outros tipos de pesquisa acadêmica.

Apesar de se consagrar como uma pesquisa de caráter pragmático, ela se diferencia tanto da prática quanto da pesquisa científica tradicional, pois altera o que está sendo pesquisado, considerando-se as limitações contextuais e a ética da prática (Ibid, p. 447).

Como a pesquisa-ação atua concomitantemente na prática e na pesquisa, Tripp elaborou uma tabela contendo as 11 características que a diferenciam tanto da prática rotineira a que está circunscrita, quanto da pesquisa científica tradicional. Ele descreve a pesquisa-ação como uma investigação inovadora, contínua, pró-ativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida, disseminada. No decorrer do texto ele analisa cada uma dessas características, contrapondo-as com as características próprias da prática e da pesquisa tradicional. Resumidamente, as diferenças são as seguintes (2005, p. 447-9):

- A pesquisa-ação é contínua e não repetida, ou ocasional. Ela busca sempre uma melhora.
- A pesquisa-ação é pró-ativa com relação à mudança, que é estratégica no sentido de que a ação é baseada nos avanços da própria pesquisa. Contrapõe-se a uma ação imediata resultante da rotina e do hábito ao mesmo tempo em que se contrapõe à rigidez do método científico. Na pesquisa-ação a metodologia deve

servir à prática, também não se deixa de avaliar uma mudança por não se dispor de dados básicos adequados. Eles poderão surgir no processo de pesquisa.

- A pesquisa-ação é participativa. Todos, de alguma forma estão envolvidos e colaboram no trabalho.
- A pesquisa-ação é experimental como a pesquisa tradicional. As coisas devem acontecer para que se saiba realmente o que vai ocorrer. No entanto, ela é mais intervencionista que experimental, pois permite que o pesquisador interceda no processo a fim de obter o resultado esperado.
- Normalmente a prática rotineira não é estudada pelo prático. Já a pesquisa-ação parte sempre da problematização de uma prática que o pesquisador pretende solucionar ou implantar. É uma aprendizagem de mão-dupla.
- A prática corriqueira é realizada apenas pelos participantes, o processo de julgamento e avaliação é afastado, sendo realizado por outras pessoas. A pesquisa-ação é deliberativa, o pesquisador participa do processo e os julgamentos e avaliações são elaborados por ele, para que se obtenha maior eficiência do ensino.
- A pesquisa-ação tende a documentar seu progresso sob formas diversas, fato que não ocorre na prática.
- Na pesquisa-ação sempre estão presentes os questionamentos “como” e “porque” algo funciona ou não funciona. Os fenômenos devem ser explicados sem que isso crie uma lei geral aplicada a todos os casos similares.
- Na prática habitual, o conhecimento fica circunscrito ao prático individualmente. Na pesquisa-ação o conhecimento tende a ser compartilhado com outros na mesma organização ou na profissão, uma vez que ele é documentado.

Para Tripp, a reflexão está presente em todo o ciclo da pesquisa-ação:

O processo começa com reflexão sobre a prática comum a fim de identificar o que melhorar. A reflexão também é essencial para o planejamento eficaz, implementação e monitoramento, e o ciclo termina com

uma reflexão sobre o que sucedeu. Isso se perde quando o processo é reduzido a “planeje, faça, reflita”, como acontece muitas vezes em educação (2005, p. 454)

Para que a pesquisa-ação tenha um bom desenrolar é necessário que ela trate de tópicos de interesse mútuo; baseie-se em um compromisso compartilhado de realização da pesquisa; permita que todos os envolvidos participem ativamente do modo que desejarem; partilhe do controle sobre os processos de pesquisa o quanto possível, de maneira igualitária; produza uma relação de custo-benefício igualmente benéfica para todos os participantes; estabeleça procedimentos de inclusão para a decisão sobre questões de justiça entre os participantes (TRIPP, 2006, p. 455)

Tripp também não ignora a notória dificuldade que um projeto de pesquisa-ação tem para ser aprovado por um comitê de pesquisa de uma Universidade, simplesmente porque não é possível especificar com antecedência qual conhecimento será obtido, nem quais resultados práticos serão alcançados. Não há como dizer antecipadamente onde o processo nos levará. Também não se pode especificar com antecedência, os tópicos sobre os quais se trabalhará, pois eles surgirão da análise da situação e serão selecionados pelos pesquisadores envolvidos e participantes. Para ele: “É importante não encarar a pesquisa-ação como uma estratégia totalmente nova para fazer algo inteiramente diferente, mas como mais um recurso para turbinar, acelerar nosso modo habitual de aprender com a experiência” (2005, p. 462).

Michel Thiollent (2004) vê a pesquisa-ação como um tipo de pesquisa social de base empírica, concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo, no qual os pesquisadores e os participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo.

A pesquisa-ação tem sido aplicada em diversas áreas de conhecimento: na educação, na comunicação, no serviço social, na organização e sistemas, no desenvolvimento rural, na difusão de tecnologia e práticas políticas e, enquanto linha de pesquisa está associada às diversas possibilidades de ações coletivas, dirigidas em função da resolução de problemas ou de objetivos de transformação que se pretenda obter.

Ela tem sido empregada intensamente na educação, apesar das resistências de alguns professores e instituições de ensino que se de-

dicam à pesquisa, pois permite solucionar problemas na área, já que oferece uma descrição detalhada da situação investigada, possibilitando uma avaliação diferenciada dos rendimentos escolares obtidos após sua utilização.

A justificativa de Thiollent para a utilização dessa pesquisa na educação concentra-se na desilusão do professor com relação aos métodos tradicionais de investigação, que apesar de precisos, não permitem a solução de alguns dos problemas educacionais contemporâneos. Na pesquisa-ação os pesquisadores desempenham um papel ativo no equacionamento dos problemas encontrados, no acompanhamento e na avaliação das ações desencadeadas em função dos problemas, conforme nos esclarece Thiollent:

Com a orientação metodológica da pesquisa-ação, os pesquisadores em educação estariam em condição de produzir informações e conhecimentos de uso mais efetivo, inclusive ao nível pedagógico. Tal orientação contribuiria para os esclarecimentos das microsituações escolares e para a definição de objetivos de ação pedagógica e de transformações mais abrangentes (THIOLLENT, 2002, p. 75).

Ela não visa a generalização, mas atende à práticas pedagógicas determinadas e particularizadas, motivo pelo qual tem sido largamente utilizada na avaliação de metodologias de ensino.

Marília Gouvêa de Miranda e Anita C.A. Resende também enfocam a importância da utilização da pesquisa-ação na educação, pois entendem que ela é um veio privilegiado na discussão de um dos maiores impasses enfrentados pelos educadores: a relação entre teoria e prática (2006, p. 511). Ela é uma pesquisa que articula a relação “teoria/prática”, fazendo da investigação uma ação que possibilita ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada. De certa maneira, esse tipo de pesquisa trabalha com pólos antes contrapostos e considera a intervenção social na prática como seu princípio e fim último. Para as autoras, é benéfico adotar a pesquisa-ação como uma das possibilidades de intervenção na realidade, pois as pesquisas científicas tradicionais não conseguem fazê-lo, principalmente pelo fato de não aceitarem uma realidade subjetiva, construída e sustentada por meio dos significados dos atos individuais (MIRANDA & RESENDE, 2006, p. 512-515).

Na atualidade existem duas abordagens de pesquisa-ação: a francesa e canadense (René Barbier e André Morin) e a australiana (Wilfred Carr e Stephen Kemmis). Em que pese as diferenças existentes entre elas, Miranda & Resende apontam as aproximações existentes entre as duas: ambas criticam a implantação do positivismo nas ciências sociais; as duas recorrem às abordagens compreensivas para extrair delas as possibilidades do sujeito de dar significado à realidade vivida mediante categorias interpretativas; as duas vinculam a noção da pesquisa à idéia de mudança, de transformação dos atores e sua realidade; também investigam o conceito de pesquisa junto à ação, junto à prática, com a resolução dos saberes nas ciências humanas e sociais; postulam uma noção de totalidade que se afirma referida à prática e diz respeito a tudo que nela se constitui, abrangendo a ação e a experiência do sujeito; mais do que uma abordagem metodológica é um posicionamento diante de questões epistemológicas fundamentais, como a relação entre sujeito e objeto, teoria e prática, reforma e transformação social (MIRANDA & RESENDE, 2006, p. 516).

Gilles Monceau (2005, p. 469) admite que na pesquisa-ação, a produção do conhecimento interessa tanto ao pesquisador como à comunidade científica, no entanto, os conhecimentos produzidos não são da mesma ordem para os colaboradores da pesquisa, não tem o mesmo uso e não são validados do mesmo modo. Os sujeitos apropriam-se deste saber, sob uma perspectiva praxiológica, ou seja, de aplicabilidade sócio-cultural:

Para os participantes [...] demandantes de uma pesquisa-ação, o objetivo é, pois, produzir conhecimentos que tenham alguma utilidade para a ação, a partir dos problemas colocados pela prática cotidiana ou, ainda, de um questionamento sobre a origem de certos dispositivos ou modos de pensamento próprios de certos estabelecimentos ou instituições. Para os pesquisadores, a intenção de conhecimentos (estão) situados além do espaço do estabelecimento ou do dispositivo em que se realiza o trabalho. Eles perseguem um itinerário de pesquisa de largo fôlego, respondendo a diferentes demandas localizadas. Os resultados obtidos num dado espaço são para reunir e confrontar com outros (MONCEAU, 2005, p. 473).

Este autor reconhece a dificuldade que as instituições de pesquisa têm para confinar essa pesquisa dentro de um quadro disciplinar ou ideológico, uma vez que, entre muitos outros fatores, o pesquisador nes-

sa investigação, deve adotar critérios que envolvam múltiplas áreas de conhecimento, medidas transdisciplinares de ação, além de ter de refletir continuamente sobre as variáveis introduzidas no decorrer do trabalho. Monceau demonstra ainda em seus estudos o quanto ela, na área da educação, está comprometida com a idéia de tornar o ensino cada vez mais eficaz:

Chegar o mais perto possível dos questionamentos dos docentes e trabalhar com suas demandas permitem aproximar-se da prática docente em sua profundidade e sua complexidade. Isso abre caminho a uma produção de resultados que pode ser comparada com o que produzem outros procedimentos (2005, p. 479).

A leitura dos textos citados possibilitou a compreensão do que vem a ser pesquisa-ação, de que forma ela pode ser aplicada na educação musical brasileira e, como ela é capaz de promover a criação, a revitalização e a transformação dos processos de ensino/aprendizagem, auxiliando os professores a resolver seus problemas. De certa maneira, ela integra pesquisa e ação, realidade social e pensamento científico, subjetividade e objetividade, dados quantitativos e qualitativos. Ela não se confunde com um estudo de caso, ou uma pesquisa qualitativa de cunho participativo, permite ainda, a utilização de um vasto material de análise que se incorpora ao levantamento bibliográfico e documental. É comum na pesquisa-ação, a realização de questionários de avaliação, de entrevistas, de diário de bordos, histórias de vida, registros críticos, etc.

Atuando diretamente sobre o objeto pesquisado, suas bases filosóficas ultrapassam a fenomenologia, emergindo em procedimentos presentes na teoria da complexidade de E. Morin e em ações investigatórias interdisciplinares. Várias categorias interdisciplinares estão presentes nesse modelo de pesquisa, quais sejam: o diálogo, a cooperação, a parceria, a flexibilidade, a coerência, etc, uma vez que é uma modalidade de investigação que está comprometida com a realidade sócio-cultural; com os valores éticos e políticos; a emancipação dos sujeitos e das condições que obstruem o seu processo emancipatório; a participação crítica de todos os envolvidos; a valorização da *práxis* por meio da pesquisa; permite a atuação de vários pesquisadores no intuito de resolver os impasses sócio-pedagógicos e culturais.

A pesquisa-ação é capaz de construir um saber da prática e estar a serviço de um objetivo e não de um projeto imposto. Ela não só permitirá a produção de novos conhecimentos, como, também, poderá formar pesquisadores e professores mais críticos e reflexivos. Franco assim se manifesta:

Falar em processo de pesquisa-ação é falar de um processo que deve produzir transformações de sentido, ressignificações ao que fazemos ou pensamos. A transformação de sentido implica reconstrução do próprio sujeito e mais uma vez nos valem os Ghedin ao explicitar que quando construímos o conhecer de um dado objeto, não é somente o objeto que torna conhecido, mas o próprio sujeito, concluindo o autor que “o conhecimento de algo é também, simultaneamente, um autoconhecimento”. Será importante, portanto, que durante uma pesquisa-ação haja tempo e espaço para que cada sujeito vá se apropriando das mundaças que se operam em suas significações de mundo, que implicam essencialmente mudanças em sua perspectiva como sujeito (2005, p. 500).

Ter compreendido as peculiaridades da pesquisa-ação permitiu a elaboração da dissertação de mestrado intitulada: *A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete*, defendida no ano de 2009, no Instituto de Artes da UNESP. O mestrando, partindo da sua história de vida como professor de improvisação musical, realizou uma pesquisa-ação com o intuito de verificar se haveria um ensino significativo de improvisação musical nas escolas de performance musical brasileiras, ou se essa seria uma tarefa a se contrapor à natureza do que vem a ser improvisação.

Para responder a essa problemática, o mestrando produziu um levantamento bibliográfico envolvendo o tema; ministrou alguns cursos de improvisação em escolas de ensino musical durante o período, aplicando aos participantes questionários de avaliação antes e depois dos cursos; elaborou uma avaliação estatística dos resultados coletados nesses questionários; compôs obras musicais que permitiram a utilização da improvisação durante a execução, bem como, a avaliação do resultado performático obtido nas audições públicas; entrevistou diretores de escola de ensino musical e professores da disciplina, com o intuito de verificar se o ensino da improvisação traria às escolas de música algum benefício.

O prazo de conclusão desse trabalho foi de 36 (trinta e seis meses), tempo suficiente para que o mestrando tivesse condições de avaliar inclusive os benefícios performáticos de alguns alunos em um curso ministrado dois anos antes de a pesquisa ser concluída. A partir dessa processualística, o mestrando foi capaz de responder aos questionamentos propostos, trazendo para o ensino da performance, informações importantes. Entretanto, se o mestrando não tivesse conhecimento prévio dessa atividade performática e não houvesse compreendido as especificidades desse modelo de pesquisa, teria cometido vários acidentes de percurso, transformando o seu trabalho em um estudo de caso, com poder de abrangência bem menor.

Da mesma forma, outra pesquisa foi realizada em 2007, no IA-UNESP, intitulada: *A percussão corporal como proposta de sensibilização musical para atores e estudantes de teatro*. Seguindo padrões específicos da pesquisa-ação, esse outro mestrando respondeu à sua problemática e pode verificar os resultados do seu trabalho na peça teatral intitulada *In dependência ou out*. As duas dissertações ao utilizarem esse modelo de investigação, puderam dimensionar a importância dessa adoção na educação musical e na produção artística.

Referências:

ALBINO, Cesar. **A importância do ensino da improvisação musical no desenvolvimento do intérprete**. Dissertação de Mestrado em Música, IA-UNESP, 2009, São Paulo.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Editora Ática. 2000.

FRANCO, M. A. R. S. Pedagogia da Pesquisa-ação. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, São Paulo, p. 483-502.

MONCEAU, Gilles. Transformar práticas para conhece-las: pesquisa-ação e profissionalização docente. **Educação e Pesquisa**, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, São Paulo, p. 467-492. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

MIRANDA, Marília Gouveia de; RESENDE, Anita C. Azevedo. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. **Revista Brasileira de Educação**, v. 11, set./dez. 2006, p. 511-518.

RUGER, Alexandre C. L. **A percussão corporal como proposta de sensibilização musical para atores e estudantes de teatro**. Dissertação de Mestrado em Música - IA-UNESP, 2007, São Paulo.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Pesquisa, pos-graduação e Universidade. **Revista da Faculdade Salesiana**, ano 24, 1996, n. 34, São Paulo, p. 60-68.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 2002, p. 108.

TRIPP, David. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 31, n. 3, set./dez. 2005, p. 443-466. Tradução de Lólio Lourenço de Oliveira.

Recebido em 10 nov. 2009

Aprovado em 12 nov. 2009

César Albino - Mestre em música pelo IA-UNESP (2009). Bacharel em saxofone e licenciado em Música (FMCG). Estudou saxofone com Roberto Sion, José Carlos Prandini e Eduardo Pecci no CMBP e CLAM. Possui pós-graduação *lato sensu* em educação musical, área de concentração - Práticas pedagógicas (FMCG). Atualmente leciona na ETEC de Artes (São Paulo) e na EMESP (Escola de Música do Estado de São Paulo). Autor dos livros Método de saxofone (2003) e Método de flauta transversal (2005) pela editora Gondine.

Sonia Regina Albano de Lima - Doutora em Comunicação e Semiótica, área de Artes (PUC-SP). Pós-graduada em práticas instrumentais e música de câmara (FMCG). Bacharel em Direito. É professora do programa de pós-graduação *stricto sensu* em Música do IA-UNESP e pesquisadora do GEPI - PUC/SP. Autora de livros e capítulo de livros, o último deles: Ensino, música e interdisciplinaridade. 2009. Editora Vieira. Tem vários artigos científicos publicados em anais, revistas científicas e mídia que tratam de interdisciplinaridade, performance e educação musical. Diretora e Coordenadora Pedagógica da FMCG.
